

Xi tenta projetar China como pivô da diplomacia global

Por outro lado, Putin busca reafirmar a parceria entre Pequim e Moscou

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A China busca se projetar como pivô global da diplomacia mundial em meio às guerras na Ucrânia e no Irã ao apresentar a visita do presidente da Rússia, Vladimir Putin, a Pequim ontem, como o exemplo de que o país está emergindo como “ponto focal da diplomacia global”.

A expressão foi publicada no jornal Global Times, braço da mídia estatal chinesa, como forma de mostrar que o país, sob a liderança de Xi Jinping, se projeta como o ponto de equilíbrio mais importante do tabuleiro geopolítico ao receber, com dias de diferença, o mandatário russo e o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Se na semana passada Xi quis mostrar que a espinhosa relação com os americanos alcançava estabilidade, agora, com o velho amigo russo quer apresentar a centralidade crescente de Pequim em uma ordem internacional que os chineses consideram fragmentada. Putin, por sua vez, busca reafirmar a já conhecida e próxima parceria entre Pequim e Moscou.

O encontro ocorreu, segundo as chancelarias chinesa, por ocasião dos 25 anos do Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amistosa e da comemoração do trigésimo aniversário das relações estratégicas, além de pautas como energia, economia e defesa.

Como forma de fazer frente à ordem comandada pelos EUA e, no caso chinês, se posicionar como intermediário diplomático, os mandatários emitiram uma de-



Líderes fecharam um grande acordo energético, mas não deram detalhes

claração conjunta defendendo a multipolaridade e novas formas de relações internacionais.

Xi, na cerimônia de assinatura dos atos, afirmou que Rússia e China são contra “toda intimidação unilateral e ações que revertam a história”. Putin declarou que os dois países desempenham um papel estabilizador nas relações internacionais.

Na avaliação de especialistas, a necessidade maior da aliança vem de Moscou. Enfraquecido pelas sanções impostas por países ocidentais em razão da guerra na Ucrânia e com a economia sobrecarregada pelos investimentos no conflito, a Rússia depende da aliança de poucos países, com destaque para a parceria chinesa.

Putin, porém, chegou a este encontro com leve vantagem em relação aos anteriores com Xi: o conflito no Irã fez com que a China passasse a depender mais do petróleo russo, já que o fechamento do Estreito de Ormuz obrigou

Pequim a acionar fontes diversificadas de abastecimento. Dados do Kremlin indicam que as exportações de petróleo russo à China cresceram mais de um terço no primeiro trimestre de 2026.

Moscou ainda segue fortemente dependente de Pequim em bens manufaturados, como carros, eletrônicos e maquinários. Segundo o Kremlin, o gasoduto Poder da Sibéria 2 seria o ponto focal da pauta. Embora relevante para a China, o projeto é apontado como uma tábua de salvação para Moscou diante da queda das exportações de gás para a Europa.

Travado por divergências de preços, o gasoduto pode transportar cerca de 50 bilhões de metros cúbicos de gás por ano à China e representa uma alternativa segura para Pequim em meio às rotas marítimas comprometidas pela guerra no Oriente Médio. O Kremlin afirmou que os líderes fecharam um importante acordo energético, mas não divulgou detalhes.

Trump cita ‘estágios finais’ de negociação com Irã

/ ORIENTE MÉDIO

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse que está nos “estágios finais” de negociação com o Irã, em comentários a repórteres feitos a caminho de evento na Associação da Guarda Costeira. Segundo a imprensa da Casa Branca, o republicano também reiterou ameaças a Teerã, caso um acordo não seja alcançado. “Ou conseguimos um acordo, ou faremos coisas um pouco desagradáveis, espero que não chegue a isso”, disse.

Mais cedo, o presidente já havia dado declarações para repórteres na Casa Branca, comentando sobre as primárias do Partido Republicano, as relações com o presidente da China, Xi Jinping, e brevemente sobre a situação no Oriente Médio.

Sobre o Irã, Trump havia dito que não está com pressa para fechar um acordo e chegou a citar antigas guerras dos Estados Unidos que tiveram duração de anos. “Estivemos no Vietnã por 19 anos, no Afeganistão e em outros luga-

res por 10 anos”, disse.

Trump também voltou a comentar a relação com o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, ao afirmar que o líder israelense “fará o que eu quiser que ele faça”, em meio às discussões sobre a condução da crise no Oriente Médio.

Em outra frente, o líder americano disse que conversará com o líder de Taiwan antes de decidir sobre um novo pacote de venda de armas à ilha, sem especificar quando ocorrerá o contato.

EUA e China fecham acordos sobre jatos da Boeing e carne bovina

A China concordou em comprar 200 jatos da Boeing e em retomar as importações de alguns produtos de carne bovina dos EUA, em um dos sinais mais claros até agora de alívio das tensões comerciais após a cúpula da semana passada entre o presidente Donald Trump e o líder chinês Xi Jinping.

O Ministério do Comércio da China informou que equipes dos dois países tiveram, na semana passada, discussões aprofundadas sobre tarifas e acertaram encaminhamentos sobre medidas tarifárias bilaterais, segundo comunicado oficial divulgado nesta quarta-feira.

Os dois países concordaram, em princípio, em discutir um arcabouço para reduções recíprocas de tarifas sobre produtos de valor equivalente no âmbito de um conselho comercial, com cada lado incluindo bens no valor de pelo menos US\$ 30 bilhões.

Os produtos aprovados por ambas as partes poderão, eventualmente, passar a ser tributados por alíquotas de nação mais favorecida (NMF) ou inferiores.

Se os dois países reduzirem tarifas sobre cerca de US\$ 30 bilhões em produtos, isso cobrirá

aproximadamente 10% das importações americanas provenientes da China. Pequim e Washington concordaram, em princípio, em incluir itens agrícolas relevantes no arcabouço de redução recíproca de tarifas e em estabelecer metas indicativas para ampliar o comércio agrícola em mão dupla.

Os EUA se comprometeram a suspender medidas de detenção automática aplicadas a produtos lácteos chineses desde 2008 e concordaram em trabalhar para remover medidas semelhantes sobre três categorias de produtos aquáticos chineses. Washington também aprovou importações-piloto de determinados produtos de bonsai da China.

Do lado chinês, Pequim retomará o registro de importadores qualificados de carne bovina dos EUA e reiniciará as compras de produtos avícolas de alguns Estados americanos, disse o ministério.

Em relação às terras raras, o ministério afirmou que as equipes comerciais dos dois países discutiram extensamente questões de controle de exportações e que estudarão conjuntamente das preocupações legítimas de cada lado.

Mergulhadores resgatam últimos corpos de italianos mortos em caverna

/ MALDIVAS

Equipes de resgate resgataram ontem, os dois últimos corpos dos quatro mergulhadores italianos que morreram durante uma expedição em uma caverna subaquática nas Maldivas. O grupo havia desaparecido na quinta-feira, dia 14, enquanto explorava uma caverna no Atol de Vaavu. Os corpos levados ao necrotério foram identificados como os de Muriel Oddenino e Giorgia Sommacal.

Na terça, as equipes já tinham recuperado os corpos de Monica Montefalcone e Federico Gualtieri. O corpo do instrutor de mergulho Gianluca Benedetti foi encontrado próximo à entrada da caverna no mesmo dia em que o grupo desapareceu. Monica e Giorgia eram mãe e filha.

Segundo o porta-voz presidencial Mohameed Hussain Shareef, o resgate foi realizado por três mergulhadores finlandeses especializados, com apoio da guarda costeira e da polícia local. Os quatro corpos foram localizados na segunda-feira, em uma das

áreas mais profundas da caverna, a cerca de 60 metros de profundidade, o dobro do limite permitido para mergulho recreativo no país.

As buscas chegaram a ser suspensas temporariamente após a morte de um mergulhador militar das Maldivas durante uma tentativa de resgate. A causa da morte dele ainda é investigada, mas colegas levantam a hipótese de narcose por nitrogênio ou complicações relacionadas à descompressão em grandes profundidades.

Segundo o governo local, os corpos estavam praticamente juntos na parte mais interna da caverna. As autoridades também afirmaram que, embora a expedição tivesse autorização oficial, pelo menos dois dos mergulhadores mortos não constavam na lista inicial apresentada às autoridades.

Shareef descreveu as condições dentro da caverna como “desafiadoras”, com correntes fortes, baixa visibilidade e terreno difícil. Um alerta de mau tempo também havia sido emitido na região nos dias anteriores ao acidente.